

ACESSIBILIDADE DO ESPAÇO ZÉ PEIXE

Emília Darlene Souza¹

Cristina Valença Almeida Cunha Barroso²

RESUMO

O presente trabalho de conclusão tem como principal objetivo realizar um diagnóstico de acessibilidade física para o Espaço Zé Peixe. As análises apresentadas são provenientes da ampliação do conhecimento do que é acessibilidade, da investigação da acessibilidade física na instituição e da análise dos resultados alcançados na pesquisa. O estudo sobre acessibilidade nos museus se faz necessário pelo fato que a Museologia conceitua e valoriza essa pluralidade. É necessário que o museu desenvolva um plano de inclusão, uma vez que todo cidadão deve ter acesso às políticas culturais. O Espaço Zé Peixe está localizado no centro de Aracaju-SE, no prédio do antigo Terminal Hidroviário Jackson de Figueiredo construído na década de 1980 que foi desativado com a inauguração da ponte Construtor João Alves. O personagem homenageado é um sergipano que devido a sua habilidade com as águas do rio e do mar se destacou na história do estado. Em 2014, o governador em exercício Jackson Barreto inaugurou o Espaço apresentando a importância de Zé Peixe para a cultura sergipana. Conforme o diagnóstico realizado podemos constatar a dificuldade de uma inclusão eficaz para pessoas com deficiência e mobilidade reduzida.

PALAVRAS-CHAVE: Acessibilidade Física; Espaço Zé Peixe; Inclusão Social; Museus.

ABSTRACT

The present conclusion work has as main objective to carry out a diagnosis of physical accessibility for Espaço Zé Peixe. The analyzes presented come from the expansion of knowledge of what accessibility is, from the investigation of physical accessibility in the institution and from the analysis of the results achieved in the research. The study of

¹ Bacharelanda em Museologia pela Universidade Federal de Sergipe.

² Professora Doutora da Universidade Federal de Sergipe, no Departamento de Museologia.

accessibility in museums is necessary due to the fact that Museology conceptualizes and values this plurality. It is necessary for the museum to develop an inclusion plan, since every citizen must have access to cultural policies. Espaço Zé Peixe is located in the center of Aracaju-SE, in the building of the old Jackson de Figueiredo Waterway Terminal built in the 1940s, which was deactivated with the inauguration of the Construtor João Alves bridge. The honored character is a Sergipe who, due to his ability with the waters of the river and the sea, stood out in the history of the state. In 2014, acting governor Jackson Barreto inaugurated the space presenting the importance of Zé Peixe to Sergipe culture. According to the diagnosis made, we can see the difficulty of an effective inclusion for people with disabilities and reduced mobility.

KEYWORDS: Physical Accessibility; Space Zé Peixe; Social inclusion; Museums.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade ao longo dos anos sempre experimentou barreiras físicas, comunicacionais e atitudinais que levam o ser humano a adaptações de modo que cada indivíduo aprende a conviver com as diversas situações da vida cotidiana. A barreira da acessibilidade física vem sendo discutida e pensada por grupos de lideranças públicas, intelectuais e pessoas da comunidade. De acordo com a literatura atual é possível perceber que as mudanças sociais tem se apresentado com mais presença a partir da década de 1980.

A autora Débora Diniz (2007) traz uma discussão em que apresenta o contexto da luta das pessoas com deficiência pelos seus direitos. Nesse sentido, esta pesquisa buscou identificar as principais barreiras que estão contribuindo para a falta de acesso ao Espaço Zé Peixe e verificar quais os mecanismos utilizados por esse espaço para atender as pessoas com deficiência física.

O projeto partiu do princípio de que as exposições devem obedecer ao Desenho Universal cuja a compreensão trazida para esta pesquisa é entendida como: “O desenho universal: solução que visa atender simultaneamente maior variedade de pessoas com diferentes características antropométricas e sensoriais, de forma autônoma, segura e confortável.” (IPHAN, 2003). Para além desse conceito adotaremos também a definição

de acessibilidade proposta da mesma normativa. “Acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos transportes e dos sistemas e meios de comunicação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida;”.

Tanto Tojal (2007) como Sarraf (2006) discutem as questões relacionadas as barreiras físicas, comunicacionais e atitudinais entendendo, de forma geral, a necessidade de tornar os museus e espaços culturais mais acessíveis para a maioria do público. A legislação brasileira aponta e reafirma esse pensamento, ela apresenta normas e regras para o funcionamento dos espaços culturais, contribuindo com instruções para que as instituições se padronizem e se adaptem.

A pesquisa sobre acessibilidade e inclusão nas instituições museais aumenta gradativamente porque faz parte dos assuntos sociais discutidos dentro de diversos campos da museologia, sendo assim para haver esse tipo de acesso aos locais de memória é necessário que esses espaços sejam inclusivos e aptos para receber qualquer tipo de público.

Esse estudo tem como objetivo analisar os resultados do diagnóstico de acessibilidade física para o Espaço Zé Peixe. O Espaço Zé Peixe foi escolhido por se encontrar na rota turista do centro comercial de Aracaju e ainda não foi tomado como objeto de estudo visando a acessibilidade física do local. Esse espaço foi criado com a finalidade de homenagear Jose Martins Ribeiro Nunes cuja as habilidades de nado deram destaque se tornando conhecido como Zé Peixe. Passou toda sua vida em uma casa na Avenida Ivo do Prado, nas proximidades do rio Sergipe. (JÚNIOR; MOTA, 2021).

A pesquisa está ligada a linha de pesquisa museologia e processos museais, dando ênfase aos estudos da acessibilidade e inclusão dos espaços culturais de Sergipe. O estudo tem como procedimento metodológico a correlação entre pesquisa bibliográfica, documental e o diagnóstico de acessibilidade. Trata-se de uma pesquisa descritiva de cunho qualitativo que tem como finalidade a compreensão de um fenômeno social. De acordo com Braga (2007) a pesquisa descritiva ajuda a identificar as características de um fenômeno e descrever os fatos correspondentes. Para este trabalho a pesquisa bibliográfica levou em consideração as discussões que tomam como

base os seguintes termos: Acessibilidade, Museus em Sergipe, barreiras físicas, inclusão e desenho universal. Para Marconi&Lakatos (2010) A pesquisa bibliográfica permite compreender o que já foi pesquisado e lançar novos olhares para o objeto estudado. O universo dessa pesquisa é o Espaço Cultural Zé Peixe. E como procedimento de coleta de dados foi aplicado um formulário de Diagnostico de acessibilidade física que abrange desde o entorno do espaço às características físicas do interior da instituição levando em consideração a normativa NBR 9050 e a lei 1098/2000 para além da revisão bibliográfica e dos dados coletados através do diagnóstico foi realizado uma pesquisa documental dando destaque às notícias de jornais, sites oficiais e diário oficial.

A partir das análises dessas fontes foi possível estruturar o artigo da seguinte forma: 2 Terminal Hidroviário Jackson de Figueredo, 3 Um homem peixe, 4 Acessibilidade no Espaço Zé Peixe: conceitos e 5 Considerações Finais.

2 O TERMINAL HIDROVIÁRIO JACKSON DE FIGUEREDO: Mobilidade e acessibilidade urbana na década de 80.

Falar em mobilidade e acessibilidade nos faz pensar em diversos conceitos que ambas as palavras remetem, uma vez que demonstram avanço e atenção, onde a necessidade se torna presente no contexto de urbanização, sobretudo com as instalações de meio de transportes.

É diante desta perspectiva que surge o Terminal hidroviário Jackson de Figueiredo³ que está localizado na Avenida Ivo do Prado, número 25, no Centro da Cidade de Aracaju. De acordo com a Gazeta de Sergipe o terminal foi inaugurado no ano de 1982, período em que o regime militar marcava presença no Brasil, embora o projeto tenha dado início em 1981 pelo então governador de Sergipe Augusto do Prado Franco⁴ na qual este terminal proporcionaria para a população da Barra dos Coqueiros opção de transporte (GAZETA DE SERGIPE, 1981).

³ “Jackson de Figueiredo Martins nasceu em Aracaju, Sergipe, em 1891. Bacharelou-se em Direito na Bahia e mudou-se para o Rio de Janeiro, onde exerceu o jornalismo e dedicou-se à política. A partir de sua conversão, em 1918, iniciou uma fase combativa em defesa da Fé, organizando de forma pioneira a intelectualidade católica leiga no Brasil. Em 1922 fundou o Centro Dom Vital (CDV), sob linha ultramontana, e a revista A Ordem, para divulgar a doutrina católica na esfera cultural. Através do Centro e da revista combateu o liberalismo, o comunismo e a revolução de modo geral. Disponível em: <https://www.institutojacksondefigueiredo.org/nosso-patrono>. Acesso em: 31 jul. 2022.”

⁴ “Augusto do Prado Franco - nasceu em Laranjeiras (SE) em 4 de setembro de 1912, filho de Albano do Prado Pimentel Franco e de Adélia do Prado Franco, descendente de tradicional família sergipana cujo

Ainda de acordo com a Gazeta de Sergipe o terminal hidroviário Jackson de Figueiredo tinha a seguinte estrutura:

Área de administração, sanitários, 8 lojas, restaurantes salões de espera e embarque, guarda-volumes, telefones públicos, lanchonetes, e flutuantes de 200m². Um total de 912m², sendo que 612m² está no pavimento térreo e 300m² no pavimento superior. Foi pensado nas condições de acessibilidade para o transporte de pessoas com deficiência física determinada pelo governo (GAZETA DE SERGIPE, 1981⁵).

Fig. 01 – Terminal Hidroviário Jackson Figueiredo (1982)



Fonte: Jornal Gazeta de Sergipe – 08/04/1982. Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/34523>

poderio econômico baseava-se na indústria do açúcar. Seu irmão, Walter do Prado Franco, foi constituinte em 1946, senador por Sergipe de 1946 a 1955 e deputado federal de 1955 a 1957. Tornou-se governador do Estado de Sergipe entre os anos de 1979-1982. Faleceu em Aracaju no dia 16 de dezembro de 2003. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/augusto-do-prado-franco>. Acesso em: 30 jul. 2022.”

⁵“O ano de 1981 foi determinado pela ONU (Organização das Nações Unidas) como ano Internacional das Pessoas Deficientes (AIPD). Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/romeusasaki>. Acesso em 28 jul. 2022.”

De acordo com Dantas (2014) o governador Augusto Franco, ainda no período autoritário, teve como frases publicitárias de sua administração: “O futuro é agora”, “o futuro chegou”, e também “desenvolvimento para todos”. As realizações das diversas obras eram divulgadas constantemente devido à facilidade uma vez que o grupo Franco era quem controlava grande parte dos rádios e jornais de Sergipe. Dessa forma, a ênfase às suas obras tais como adutoras, conjuntos habitacionais, estradas, exploração de potássio e a construção do terminal hidroviário foram assuntos constantes (DANTAS, 2014).

Antes de se tornar um espaço expositivo, o local foi criado para proporcionar o transporte público pelas águas. Nesse período não se discutia a mobilidade urbana na perspectiva da inclusão, haja vista a lei de mobilidade é de 2012. De acordo com o Art. 7º, a Política Nacional de Mobilidade Urbana possui os seguintes objetivos:

Art. 7º A Política Nacional de Mobilidade Urbana possui os seguintes objetivos:

- I - reduzir as desigualdades e promover a inclusão social;
 - II - promover o acesso aos serviços básicos e equipamentos sociais;
 - III - proporcionar melhoria nas condições urbanas da população no que se refere à acessibilidade e à mobilidade;
 - IV - promover o desenvolvimento sustentável com a mitigação dos custos ambientais e socioeconômicos dos deslocamentos de pessoas e cargas nas cidades;
 - V - consolidar a gestão democrática como instrumento e garantia da construção contínua do aprimoramento da mobilidade urbana.
- (BRASIL, lei da política de mobilidade urbana nº 12.587/ 2012)

É de grande importância, no entanto, buscar através das necessidades e dos problemas de mobilidade em prol da sociedade ajudando a “promover acessibilidade e segurança” (OLIVEIRA, 2017, p.23), além de preservar o meio ambiente.

Após a construção da ponte Construtor João Alves, que faz o trajeto Aracaju-Barra, o Terminal Hidroviário Jackson Figueiredo foi desativado, e somente na gestão do Governador Marcelo Deda, foi idealizado um novo espaço cultural que foi inaugurado no ano de 2014 tendo Jackson Barreto como governador em exercício. Em 2006, com a inauguração da Ponte Construtor João Alves, houve uma diminuição pela procura do transporte hidroviário (OLIVEIRA, 2017).

De acordo com o Jornal Diário de Sergipe, a obra teve um orçamento de 1,1 milhão de reais que conta com uma estrutura arquitetônica formada por profissionais do

Fonte: <http://www.institutomarcelodeda.com.br/governo-inicia-obra-de-implantacao-do-espaco-ze-peixe/>. Acesso: 23 set. 2022.

Os hidroviários são de grande importância porque eles reduzem os custos de comercialização e envolvem grandes volumes de produtos porque o transporte sempre representa uma grande porcentagem do valor são comercializados (IPEA, 2014).

3 UM HOMEM-PEIXE

Entrei no mar sem medo
 Na água Zé Peixe veio me salvar
 Entrei no mar sem medo
 Entrei no mar sem medo
 Na água Zé Peixe veio me salvar
 Entrei no mar sem medo
 Se vai chover deixa a chuva molhar
 Se vai chover
 é só para aliviar
 É só para aliviar
 São Bento Grande, samba de roda
 O côco eu vou quebrar em Mangue Seco
 Na praia do meio eu vou surfar
 Descendo as ondas
 Capoeira é pra jogar à beira mar
 Minha oferenda é pra iemanjá.
 (Um peixe ao mar – Alapada)

Esta é uma das diversas homenagens que o sergipano José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) recebeu uma vez que se tornou um personagem importante ainda em vida.

De acordo com Junior, Mota (2021), natural de Aracaju, Zé Peixe nasceu no dia 5 de janeiro de 1927 e passou toda sua vida em uma casa na Avenida Ivo do Prado, casa esta que beirava o rio Sergipe. Além do rio, a casa era vizinha da Capitania dos Portos de Sergipe ao qual fez muitas amizades com os marinheiros. Sua vida escolar foi nos colégios localizados nas proximidades de sua residência tais como Colégio Augusto Maynard na qual iniciou seus estudos, passando para o Colégio Dona Glória Chaves, Jackson de Figueiredo onde cursou o ginásio, hoje ensino Fundamental, e encerrou o

Ensino Médio, antigo Segundo grau, no Colégio Tobias Barreto (JÚNIOR; MOTA, 2021).

Segundo as informações de Josevanda Mendonça Franco, por conhecer as águas do litoral sergipano como ninguém através do seu mergulho, e por possuir proximidade com os profissionais ao serviço do mar, seu pai, Nicanor Ribeiro Nunes incentivou o rapaz nadador a prestar concurso para a Marinha, e assim Zé Peixe tornou-se prático⁷ da Marinha do Brasil no ano de 1947.

Foram diversas as contribuições de Zé Peixe à Marinha brasileira, sobretudo às tripulações que traziam passageiros. Todas são narradas com esmero e surpreendia diversos marinheiros de várias partes do mundo com sua destreza e agilidade no mar. (FRANCO, HISTÓRIA DE UM HOMEM PEIXE, 2015).

**Foto 03 – Estátua de Zé Peixe-
capitania dos Portos de Sergipe**



⁷ O prático é o profissional especializado que possui experiência e conhecimentos técnicos de navegação e de condução e manobra de navios, bem como das particularidades locais, correntes e variações de marés, ventos reinantes e limitações dos pontos de acostagem e os perigos submersos. A praticagem é regulada pela Lei de Segurança da Navegação (9.537/1997). A atividade é baseada no conhecimento dos acidentes e pontos característicos da área onde é desenvolvida - trechos da costa, portos, estuários de rios, em baías, lagos, rios, terminais e canais onde há tráfego de navios. Disponível em: https://www.gov.br/infraestrutura/pt-br/assuntos/transporte_aquaviario/praticagem. Acesso em: 22 ago. 2022.

Foto: Capitania dos Portos de Sergipe⁸

Conforme Jornal e canais de televisão, aos 85 anos, Zé peixe faleceu em 26 de abril de 2012 em Aracaju. Desta forma, visando eternizar este personagem sergipano, o governo do estado em parceria com o Instituto Banese inaugurou a escultura construída pelo artista Elias Santos em tamanho natural que leva o nome de “O pórtico”. A imagem remete aos inúmeros saltos que Zé Peixe realizava e foi inaugurada um ano após o seu falecimento (G1.COM, 2012).

No Museu da Gente Sergipana foi colocado uma escultura que está direcionada ao rio Sergipe, e, à frente foi construído um espelho d’água. A vida de Zé Peixe é retratada não apenas com esta escultura na parte externa, no interior do Museu da Gente Sergipana, é possível visualizar a história de Zé Peixe ilustrada através das literaturas de cordéis e artes como Xilogravuras.

Fig. 4 - Estátua de Zé Peixe em bronze – Museu da Gente Sergipana



⁸ Não foi possível recriar a Capitania dos Portos de Sergipe.

Foto: A autora (2022).

É no Museu da Gente Sergipana que a ênfase é dada aos inúmeros sergipanos que contribuíram com a história local, e, Zé Peixe também foi destacado a nível internacional.

A riqueza do acervo sobre o Zé Peixe, no Museu da Gente Sergipana, predispõe o desenvolvimento de práticas que interrelacionem a experiência cognitiva do educando e a produção do conhecimento, a partir de uma intervenção da prática educativa para a mídia nos chamados processos educomunicativos. As percepções da realidade pelo educando aliada à educomunicação, em diálogo com as ações museológicas, favorecem a criação de oportunidades para conectar o uso das tecnologias móveis à produção de saberes, envolvendo o cotidiano experiencial do aluno à prática educativa (JÚNIOR; MOTA, 2021).

Diante desta construção da memória acerca do personagem pertencente a história sergipana, pode-se entender que sua ênfase foi sendo dada junto ao surgimento de recursos tecnológicos que surgiram durante a Segunda Guerra Mundial, mesmo contexto em que viveu Zé Peixe que segundo Le Goff (1990):

A evolução das sociedades na segunda metade do século XX clarifica a importância do papel que a memória coletiva desempenha. Exorbitando a história como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e a aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção (LE GOFF, 1990, p.410).

Zé Peixe, considerado um personagem singular na história de Sergipe e está inserido na história do mundo uma vez que no ano de 1942 o torpedeamento de sete embarcações nas costas litorâneas de Sergipe e Bahia por um submarino alemão U-507. Este fato insere o Brasil no contexto da Segunda Guerra Mundial (CRUZ, ARAS, 2018).

4 ACESSIBILIDADE NO ESPAÇO ZÉ PEIXE: Conceitos.

Quando escutamos falar sobre acessibilidade, logo associamos às pessoas que possuem algum tipo de deficiência e necessitam de uma atenção especial para estar em determinado local. Todavia, o conceito vem sendo ampliado, e em diversos aspectos, sobretudo às questões relacionadas aos espaços expositivos ganha um novo sentido, embora a acessibilidade à pessoas com deficiência continua sendo um grande problema, sobretudo nos espaços museais.

Partindo da ideia de que todo cidadão tem direito à cultura, a Declaração Internacional de Direitos Humanos de 1948, afirma:

Art.27 - 1. Todos os seres humanos têm o direito de participar livremente na vida cultural da comunidade, de beneficiar das artes e de participar no processo científico e dos seus benefícios.

1. Todos os seres humanos têm direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica, literária ou artística da qual seja autor (ONU, 1948).

Segundo o Relatório de Atividades da Comissão Nacional brasileira, o ano de 1981 foi considerado o ano internacional das pessoas com deficiência e teve como objetivo assistir às pessoas com deficiência levando em consideração as necessidades da vida cotidiana no campo da política, economia, cultura, educação, trabalho e lazer. Possibilitando melhoramentos nos sistemas de transportes e edifícios públicos, promovendo a inclusão (BRASIL, 1981).

Sendo assim, foi estabelecida uma normativa pela Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT 9050, de setembro de 1994(2005) que visou assegurar os direitos conquistados por meio de lutas pelas pessoas com deficiência (PCD). Essa normativa traz orientações regulamentares sobre os aspectos físicos da acessibilidade. Pensando na acessibilidade física, comunicacional e atitudinal nos museus, o Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM), que teve validade até 2020, apresenta dentre os eixos com temas transversais a proposto de discursão sobre acessibilidade e sustentabilidade ambiental:

Desenvolvimento de capacidades técnicas específicas e de recurso financeiros para que os museus realizem as adaptações necessárias em atendimento aos requisitos de acessibilidade e sustentabilidade ambiental e, ao mesmo tempo, possam promover ações de promoção de

consciência crítica junto a seu público junto a seu público e à comunidade onde está inserido. (PNSM,2010, p. 22)

De acordo com Celeste e Silveira (2019) esta política não buscou atender apenas às necessidades da pessoa com deficiência, mas possui a tentativa de inserir o mesmo indivíduo em um ambiente social como os museus promovendo a consciência crítica.

Segundo documento do Ministério do Turismo, o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) buscou proporcionar a interação de pessoas com deficiência com os espaços físicos dos museus na qual está responsável por avaliar, diagnosticar, realizando projetos e medidas interventivas, adaptando às necessidades conforme o Decreto 8.124/2013 (BRASIL, 2013). Segundo Sarraf (2018, p. 25), “é necessário criar e adequar espaços, serviços e produtos que promovam oportunidades equitativas para todos os públicos, independentemente da condição física, comunicacional e intelectual das pessoas”.

Na maioria das vezes os espaços antigos que foram edificados para outros fins, tornam-se espaços museológicos, e, com o Espaço Zé Peixe não foi diferente. Necessitou passar por uma reforma para adaptação, buscando eliminar as barreiras arquitetônicas, entretanto, nem tudo foi adaptado. De acordo com ABNT 9050 (2015, p.2) o conceito de adaptado se refere à: “Espaço, edificação, mobiliário, equipamento urbano ou elemento cujas características originais foram alteradas para serem acessíveis”.

Para compreensão dos tipos conceitos de acessibilidade nos museus foi criado o seguinte quadro:

QUADRO I – Tipos de Acessibilidades Museológicas

TIPOS DE ACESSIBILIDADES MUSEOLÓGICAS	CONCEITO	EXEMPLO
Acessibilidade arquitetônica (Acessibilidade física)	Facilita a locomoção do percurso no museu. A acessibilidade comunicacional caminha junto à arquitetônica (TOJAL, 2010).	Letras e textos visíveis no tamanho em que uma pessoa com 1,5 metro pode visualizar e fazer uma boa leitura, como textos em libras e BRAILLE, com iluminação direcionada para peça, placas de informação visíveis.

Acessibilidade atitudinal	“Apenas os museus que obtiveram os maiores índices de acessibilidade demonstraram a preocupação de incluir entre as diretrizes de sua política cultural uma ação permanente de responsabilidade social para com os públicos com necessidades especiais, mesmo sofrendo restrições em função da carência de funcionários, principalmente especializados” (TOJAL, 2010, p.60).	Criação de materiais de apoio; Formar equipes para desenvolver projetos dirigidos para acessibilidade nos museus.
Acessibilidade sensorial	Preocupação pelos aspectos educativos e de mediação indireta (TOJAL, 2010, p. 60).	Textos de apostilas ou catálogos em tinta e braille; Elementos que estimulam a audição (músicas) o olfato (cheiro de algo).

Fontes: A autora, baseada em Tojal (2010).

O quadro acima apresenta os tipos de acessibilidades inseridas no plano de museus ao qual busca incluir pessoas com deficiência nestes espaços de comunicação contribuindo com o aumento cultural de cada indivíduo.

Quadro II – Alguns Museus em Sergipe e as barreiras da acessibilidade

Museus	BARREIRAS	REFERÊNCIA
Museu da Gente Sergipana	“O museu ainda não possui etiquetas em Braile.”	BARROSO, C. A.; ANDRADE, D. F.; SANTOS, L.S.,(2018).
Memorial do judiciário	“Possui elevador, mas o mesmo não está funcionando.”	
Museu Palácio Olímpio Campos	“A primeira barreira encontrada foi em relação à adequação do espaço físico.”	
Centro Cultural de Aracaju	“Possui elevador, mas o mesmo não funciona.”	

Fonte: A autora, baseada no Plano Nacional Setorial de Museus (BRASIL, 2010)

4.1 A Acessibilidade no Espaço Cultural Zé Peixe

Como mencionado anteriormente, torna-se importante elaborar diagnósticos, planos, realizar avaliações para que os espaços de comunicação apresentem as necessidades existentes, sobretudo às questões relacionadas à acessibilidade sensorial e física.

O Espaço Zé Peixe, um prédio em que funcionava o Terminal Hidroviário Jackson de Figueiredo, agora abriga uma exposição de longa duração sobre a vida do pórtico sergipano, conhecedor das águas do rio Sergipe. Contudo, foi realizada uma visita técnica ao Espaço localizado às margens do Rio Sergipe para que o diagnóstico pudesse identificar as questões que vão contra a inclusão de pessoas com deficiência, dificultando o acesso neste ambiente.

Fig. 5 – Fachada-Espaço Zé Peixe



Foto: A autora (2022).

Para a realização de um diagnóstico de acessibilidade física é importante que uma pessoa com deficiência esteja presente para avaliar se tudo está de acordo com as suas capacidades, embora nem sempre isso ocorra. A ausência de acessibilidade compromete o acesso da pessoa com deficiência no espaço em diversos lugares (PORTUGAL, 2014).

Todavia, o diagnóstico pode ser realizado em diversos modos, contudo, o diagnóstico desta pesquisa foi realizado seguindo a ficha abaixo representada pelo quadro IV.

Quadro II – Ficha de diagnóstico sobre acessibilidade

FICHA DE ACESSIBILIDADE			
Instituição: Espaço Cultural Zé Peixe			
Data: 19/08/2022			
Acessibilidade Física do Espaço			
➤ ENTORNO			
1. ESTACIONAMENTO	Acessível	Não acessível	Observações
Número de vagas			Não há estacionamento.
Arranjo			
2. CAMINHOS E PERCURSOS			
Pisos	X		Os pisos apesar de não serem antiderrapante Em todo o percurso há pisos táteis. Há rampa apenas na entrada.
Piso Tátil	X		
Rampas	X		
3. ENTRADAS			
Portas	X		
➤ CIRCULAÇÃO	Acessível	Não	Observações

HORIZONTAL NO ESPAÇO		acessível	
4. CAMINHOS E PERCURSOS			
Pisos	X		Não há rampas no percurso, sendo encontradas diversas escadas. Quanto a ajuda no percurso, não há locais de descanso no pavimento inferior do prédio.
Rampas		X	
Desníveis	X		
Portas	X		
Largura das passagens	X		
Obstáculos		X	
Iluminação	X		
Acústica	X		
Ajuda no percurso		X	
➤ SINALIZAÇÃO	Acessível	Não acessível	Observações
5. TEXTOS			
Composição	X		
Tamanho	X		
Suporte	X		
Pictogramas	X		
Sinalização de segurança	X		
➤ Outros Serviços			
6. RECEPÇÃO			
Balcão de assinatura		X	Não existe nenhum controle de entrada e saída.
7. SANITÁRIOS			
Vaso sanitário	X		É 100% acessível.
Lavatórios	X		
Acessórios	X		
Porta	X		
Símbolos	X		
PLACAS INFORMATIVAS, INFORMAÇÕES E PAINÉIS	Acessível	Não acessível	Observação
Altura	X		

Localização	X		
Iluminação	X		
MATERIAL EXPLICATIVO E DE ORIENTAÇÃO			
Impressão		X	
Braile		X	
AMBIÊNCIA VISUAL E ACÚSTICA DAS SALAS DE EXPOSIÇÃO			
Ambiência visual	X		
Ambiência acústica	X		

Fonte: A autora (2022).

Começando pelo entorno do Espaço Zé Peixe onde este fica inserido no centro comercial de Aracaju- SE, às margens do Rio Sergipe. Um local bastante movimentado em que diversos transportes públicos passam à frente. No entanto, não há estacionamento específico para os visitantes. Quanto ao espaço reservado para o acesso à entrada do museu possui lances (meio-fio) rebaixados com pelo menos até 2cm de altura à superfície garantindo uma inclinação suave. Segundo Portugal (2014, p. 35): “A inclinação máxima, no sentido longitudinal, dos passeios e vias de acesso é de 6%, no sentido transversal de 2% e a largura mínima de 225 cm”.

Fig. 6 – Calçada do Espaço Zé Peixe



Foto: A autora (2022).

A figura 4 apresenta estas características, embora a pintura do símbolo internacional de acessibilidade esteja danificada, além de que um cavalete do restaurante que funciona no espaço esteja em frente a rampa de acesso.

Logo após a rampa de acesso a entrada principal, existe na porta, piso tátil alerta, conforme está representado na figura 5.

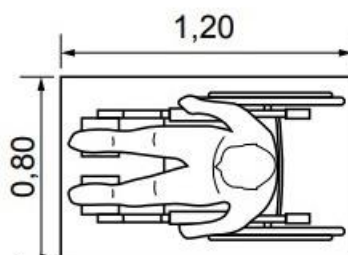
Fig. 7 – Piso tátil na entrada do Espaço Zé Peixe



Foto: A autora (2022).

A entrada está livre de degraus e desníveis acentuados e as portas são de vidro e inclusiva que permite o acesso de uma cadeira de rodas. De acordo com a ABNT 9050 o módulo de referência é de 120 cm.

Fig.8 – Dimensões do Módulo de Referência



Fonte:

http://acessibilidade.unb.br/images/PDF/NO_RMA_NBR-9050.pdf

4.2 ESPAÇOS INTERIOR

4.1.2 Balcões

Para os balcões, bem como os guichês de atendimento segundo Portugal (2014, p.42), deve ter a altura recomendada é de 80 cm. “Devem ser abertos por baixo e ter largura de 150 cm livre para permitir a um visitante em cadeira de rodas aproximar-se do tampo. O espaço livre em frente deve ter pelo menos 90 cm x 100 cm.”

O balcão de entrada do Espaço Zé Peixe conforme a figura 6 possui 0,89 cm, ou seja, não atende os padrões de acessibilidade onde o valor mínimo é de 0,73cm e o máximo é de até 0,85 cm de altura, e, no atual momento não é exigida a identificação.

Sobre as medidas de aproximação, o balcão encontra-se fora do padrão, com medida menor que 0,30 cm.

Fig. 9 – Balcão de identificação



Foto: A autora (2022).

Podemos notar através da figura 7 que o balcão do café não atende às recomendações tanto na altura quanto no espaço abaixo do balcão para inserir uma cadeira de rodas. A altura do balcão atinge 0,90 m e não possui espaço recuado para aproximação.

Para Cohen; Duarte; Brasileiro (2012, p. 122): “balcão deve possuir altura inferior a 0,85m (face superior) e superior a 0,73m (face inferior)”.

Fig. 10 – Balcão do café



Fonte: A autora (2022).

4.1.3 Expositores

Os expositores nos espaços museológicos são de grande importância porque eles são uns dos elementos que exercem a comunicação, no entanto, não é recomendada a utilização de expositores em vidro com comprimento até o chão porque eles podem ser confundidos com o chão e causar algum acidente com o impacto da cadeira de rodas ou muletas. Caso seja em vidro, os expositores deverão ser bem identificados e conter uma proteção com uma altura mínima de 25 cm do solo (PORTUGAL, 2014).

Portugal (2014), afirma também:

Os objetos expostos devem ser colocados com inclinação de forma a permitir uma fácil e boa visibilidade. As peças mais pequenas deveriam ficar à frente para garantir que possam ser vistas por crianças, pessoas de baixa estatura e pessoas em cadeira de rodas. O espaço entre objetos expostos colocados sobre o pavimento deverá ter o mínimo de 150 cm. Objetos ou expositores que distam da parede mais do que 5 cm devem prolongar-se até o chão para reduzir o risco de encontros. Os que distam mais do que 10 cm da parede devem ter um espaço livre por baixo com 70 cm de altura, para permitir a aproximação de uma cadeira de rodas. Para garantir que são detectados por uma bengala branca as partes laterais devem prolongar-se até ao chão. Objetos colocados no chão devem ter uma altura mínima de 30 cm para reduzir o risco de os visitantes tropeçarem. Prateleiras e pequenos expositores colocadas nas paredes podem causar lesões nos ombros, ancas e joelhos dos visitantes. Alcatifas e passadeiras devem ser fixas ao chão. Alcatifas grossas podem impedir a circulação de cadeiras de rodas e carrinhos de bebê (PORTUGAL, 2014, p.43).

Dessa forma, os obstáculos serão encontrados sempre dentro e fora dos museus, porém, sobretudo nos museus que são espaços adaptados, e quando são realizadas, nem sempre atende às exigências da ABNT 9050, continuando a dificultar o percurso das pessoas com algum tipo de deficiência, seja ela física ou visual.

Fig. 11 – Maquete - balsa



Foto: A autora (2022).

A Figura 8 expõe uma maquete de uma balsa que está centralizado na primeira sala em um expositor em madeira com altura de 0,60 m garantindo a acessibilidade pois está dentro do tamanho padrão que é 0,77 m.

Quanto ao texto expositivo, a dificuldade na leitura para alguns visitantes é presente, dessa forma, acima de 1,90 m e abaixo de 0,75 m e uma inclinação de aproximadamente 30° em que ameniza a dificuldade.

4.1.4 Sinalização

O usuário durante a visita a um espaço museológico deve ser informado sobre o local que ele se encontra e este percurso deve ser realizado com segurança, portanto “A sinalização pode ser clara e direta, composta por linguagem escrita ou outro sistema de codificação, como pictogramas” (COHEN; DUARTE; BRASILEIRO, 2012, p.112).

A sinalização quando em sua maioria suspensa ao teto, suas letras devem ter ao menos 7,5 cm de altura e as tabelas 1 a 3 cm. A letra branca no fundo verde se torna bem visível, como podemos ver na figura 10:

Fig. 12 – Placas de sinalização



Fonte: A autora (2022).

O texto expositivo possui algumas observações a serem seguidas, como por exemplo, não devem utilizar muitas palavras nas linhas porque causam confusão durante a leitura. É recomendado não ultrapassar 50 caracteres por linha e o texto deve ser sempre alinhado à esquerda.

A figura 11 apresenta ao lado esquerdo, estas recomendações, porém, o texto ao lado direito da figura, notamos que este se encontra justificado.

Fig. 13 – Texto expositivo



Foto: A autora (2022).

O tamanho dos caracteres vai depender da distância onde se calculará utilizando uma fórmula geral $\frac{D}{200}$ (Distância de Leitura). Pode aumentar o tamanho da letra sempre que necessitar e for permitido.

Fig. 14 Área interditada do espaço Zé Peixe



Foto: A autora (2022).

Banheiros e demais salas existentes no pavimento térreo não puderam ser visitados, pois estes se encontram interditados para uma possível reforma. Este espaço é composto por sala que abrigam lojas diversas, sobretudo de interesse ao público turístico. Todas as salas possuem portas acessíveis, onde a porta de entrada principal mede 1,38 metros e a porta de acesso ao espaço expositivo mede 1,50 metro. Conforme a normativa da ABNT 9050. Já uma das duas portas que dá acesso à vista ao mar no pavimento superior, mede 86cm conforme imagem abaixo:

**Fig. 15 – Porta de acesso à vista ao mar –
Pavimento superior**

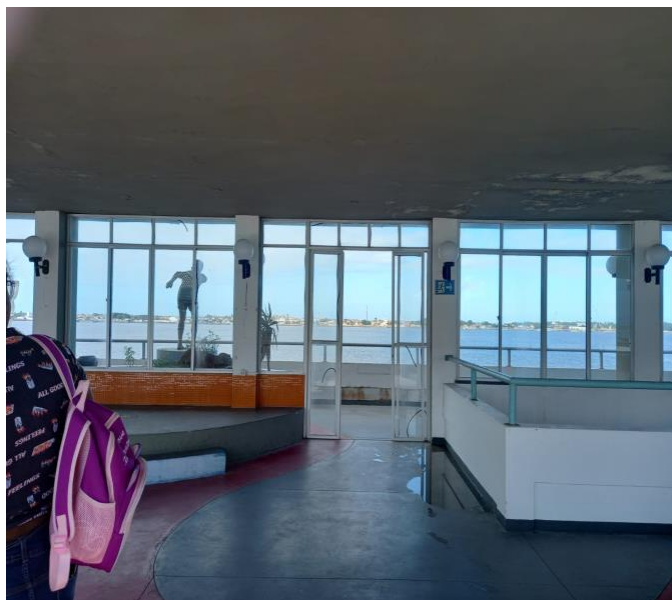


Foto: Jefferson Santos (2022).

4.1.5 Escadas

Foi constatado que o único meio de estar no pavimento superior se faz pela escada porque o elevador encontra-se desativado. Diante disso ao analisar a escada, podemos perceber conforme a figura 13 que o corrimão existe nos dois lados, ambos com materiais e medidas distintas. Nota-se que ocorreu uma adaptação, e seu material é em ferro, tendo mais de 4cm de diâmetro de espessura, dificultando a boa apreensão das mãos, além de que o material em madeira seja o mais recomendado. O corrimão encostado à parede possui uma medida dentro do padrão, porém é em aço inoxidável. Possui pisos táteis de alerta no início e no final da escada.



Fig. 16 – Escada do Espaço Zé Peixe

Foto: Jefferson Santos (2022).

Os materiais dos degraus devem ser em outro material para diferenciar do pavimento anterior, e os focinhos dos degraus devem estar cobertos com tinta ou fita antiderrapante com largura de 5 cm em cada face para que possa atingir um contraste, facilitando a identificação e o piso dos degraus devem ser aderentes. A altura de cada espelho é de no máximo 16 cm (PORTUGAL, 2014). A altura do espelho dos degraus da escada no Espaço Zé Peixe é de 15 cm, estando dentro do tamanho padrão.

Ainda na figura 13, podemos identificar sinalizações táteis de alerta antes e depois dos degraus. O piso tátil de alerta deve estar presente sempre antes de qualquer altura de piso entre 0,60 e 2,10m porque já é considerado um obstáculo.

Em muitos museus adaptados, as rampas, plataformas, e cadeiras especiais acionadas por controle remoto são utilizadas para auxiliar as pessoas com deficiência física a transportar para um pavimento superior (COHEN; DUARTE; BRASILEIR, 2012).

Foi detectado que não há rampas, plataformas, muito menos cadeiras especiais no Espaço Zé Peixe visando o auxílio à Pessoa com Deficiência.

4.1.6 Áreas de pausa ou descanso

Áreas de descanso são recomendadas para percurso extenso em grandes museus, porém o Espaço Zé Peixe possui em seu pavimento superior uma vista para o Rio Sergipe. Contudo, é importante haver cadeiras e bancos em diversas alturas e formatos diferentes.

Fig. 17 – Pavimento superior do Espaço Zé Peixe



Foto: Jefferson Santos (2022).

Recomenda-se uma altura do assento de 43-51cm, sempre com costas de pelo menos 45cm de altura. Alguns lugares devem ter apoios para os braços e outros não (ou então apoios rebatíveis). Um contraste cromático entre os assentos e o chão e/ou os assentos e a parede, evita que se transformem num obstáculo (COHEN; DUARTE; BRASILEIRO, 2014, p.45).

A presença da escultura de Zé Peixe em bronze do artista Leo Santana com dimensão de 105cm X 146 cm direcionada ao Rio Sergipe, tornou-se um obstáculo para pessoas com deficiência física, sobretudo cadeirantes onde o espaço se torna mais estreito para a locomoção de cadeiras de rodas, e existe dificuldade até para quem não possui algum tipo de deficiência física, uma vez que o espaço é bastante estreito, bem como o guarda corpo. O espaço superior não apresenta piso tátil de alerta nem de siga, porém, neste mesmo pavimento superior, na parte interna, há bancos em alvenaria com altura de 46 cm de altura que servem para o descanso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado no diagnóstico realizado no Espaço Zé Peixe, pode-se concluir que houve uma adaptação para portadores de deficiência, porém, muito ainda deve ser feito para evitar obstáculos e garantir uma segurança maior.

Dentre as diversas barreiras encontradas, podemos citar a ausência de um meio para transportar pessoas com mobilidade reduzida para o pavimento superior, uma vez que neste local possui um restaurante e uma vista para o rio Sergipe que é indispensável para o visitante.

É importante a realização de uma reforma para inserir novos modos de acessibilidade garantindo o transitar com conforto de todos os portadores de deficiência. Todavia, entender acessibilidade e fazer realizar nos museus torna a acessibilidade uma transversalidade que não somente inclui o cidadão nos espaços culturais, mas expande-os para a sociedade em qualquer ambiente que desejar.

REFERÊNCIAS

- AIDAR, G.** Acessibilidade em Museus: ideias e práticas em construção. Revista Docência e Ciberultura. Volume 3, nº 2, Rio de Janeiro: 2019.
- BANESE.** <http://www.institutomarcelodeda.com.br/jackson-barreto-inaugura-escultura-de-ze-peixe-no-museu-da-gente-sergipana/>. Acesso em 12 ago. 2022.
- BARROSO, C. A.; ANDRADE, D. F.; SANTOS, L.S. Estudo da Acessibilidade nos Museus de Aracaju: Uma Investigação. ConCI: Conv. Ciênc. Inform., São Cristóvão/SE, v. 1, n. 2, Ed. Especial, p. 203-209, maio/ago. 2018.
- BRAGA, Kátia Soares. **Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em Ciências da Informação.** In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação. Brasília: Thesaurus, 2007.
- BRASIL, **Associação Brasileira de Normas Técnicas.** 9050. Disponível em: http://acessibilidade.unb.br/images/PDF/NORMA_NBR-9050.pdf. Acesso: 8 out. 2022.
- BRASIL, **Comissão Nacional. Relatório de Atividades.** Ano Internacional das Pessoas com Deficiências. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002911.pdf>. Acesso 13 maio 2022.
- CELESTE, C.; SILVEIRA C. **Acessibilidade nos museus brasileiros:** tendências da produção acadêmica. Museologia e Interdisciplinaridade. Vol. 8, nº 16, jul./dez. de 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/24783/24171>. Acesso 10 de jul. 2022.
- COHEN, R.; DUARTE, C. R. de S.; BRASILEIRO, A. de B. H. Acessibilidade a Museus. Ibram, Cadernos Museológicos vol. 2. Brasília: 2012. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/07/acessibilidade_a_museu_miolo.pdf. Acesso: 22 ago. 2022.
- CRUZ, L. A. P. ; ARAS, L. M. B. de. **Os Malafogados:** Memória e Guerra na Costa do Brasil (1942). Revista de Programa de pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, Vol. 7, nº14, jul./dez., 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br> . Acesso em: <https://periodicos.unb.br> .
- Diniz, Debora. **O que é deficiência.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

GOVERNO INICIA OBRA DE IMPLANTAÇÃO DO ESPAÇO ZÉ PEIXE.

Disponível em: <http://www.institutomarcelodeda.com.br/governo-inicia-obra-de-implantacao-do-espaco-ze-peixe/>. Acesso: 22 maio 2013.

IPEA. **Hidroviás no Brasil: Perspectiva Histórica, Custos e Institucionalidade**. Rio de Janeiro: 2014. Disponível em:

https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2714/1/TD_1931.pdf.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4594598/mod_resource/content/1/LE_GOFF_HistoriaEMemoria.pdf. Acesso em 20 nov. 2022.

LOBO JÚNIOR, L. M.; MOTA, M. F. **Educomunicação para o diálogo de autonomia na mediação das práticas educativas e ações museológicas**. 10º Simpósio Internacional de educação e Comunicação. Aracaju: 2021. Disponível em:

<https://eventos.set.edu.br>. Acesso em: 13 ago. 2022.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

NETO, A. J. de B. **Ao Sul de Aracaju: Memória e História da Atalaia Velha (1900-1952)**. São Cristóvão: 2015. Disponível em:

https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5670/1/AQUILINO_JOSE_BRITO_NETO.pdf. Acesso em 5 de ago. 2022.

OLIVEIRA, D. dos S. **O modal aquaviário na região metropolitana de Aracaju:**

Uma análise do transporte conhecido como tototós. São Cristóvão. Ufs: 2017.

Disponível em :

https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10233/3/Deisiany_Santos_Oliveira_%28TCC_Final%29.pdf. Acesso em: 2 de ago, 2022.

SARRAF, V. P. **Acessibilidade cultural para pessoas com deficiência** – benefícios para todos. Revista do Centro de Pesquisa e Formação / N° 6, junho 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/24783/24171>. Acesso em: 16 de jul. 2022.

TOJAL, A. P. da F. **Políticas Públicas Culturais de Inclusão de Públicos especiais em Museus**. São Paulo: 2007. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-19032008-183924/publico/AmandaTojal.pdf>. Acesso em 12 ago. 2022.